

Há diferença entre o Cristianismo e Espiritismo?

“O Espiritismo não dogmatiza... Não é nem uma seita, nem uma ortodoxia, mas uma filosofia viva, aberta a todos os espíritos livres, filosofia que evolui, que progride. ...Não impõe nada; propõe... O que propõe apóia em fatos de experiência e em provas morais. ...Não exclui qualquer outra crença, antes a todas abraça numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.” (Léon Denis)

O pensamento que vivemos em um sistema que é o Universo e através das nossas experiências sensoriais obtemos conhecimento desse universo. Como todo sistema, é impossível para alguém que esteja dentro do sistema obter conhecimento sobre todo o sistema, especialmente a respeito da forma de criação e desenvolvimento desse sistema. Tentamos, através da ciência, descobrir mais e mais das variáveis que compõe o universo e de como elas se comportam, como uma altera a outra, entretanto é impossível para nós descobrir as causas fundamentais de toda a existência.

Ninguém pode dizer o porquê à gravidade existe, só podemos detectá-la e estudá-la, mas explicar porque as massas se atraem, isso não é possível. Sabemos dessas limitações. Nós, humanos, temos uma necessidade de descobrir o propósito de todas as coisas que nos envolvem e em especial de nós mesmos, esse conhecimento não pode ser atingido através da ciência, pois se trata de algo que somente o criador do sistema tem a resposta, dado que o sistema tenha sido criado, o que parece ser óbvio.

Então é necessário que alguém externo ao sistema nos diga coisas a respeito da estrutura e do propósito de todas as coisas, chamamos a esse ato de revelação. Para muitos defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, a diferença fundamental entre o Cristianismo e o Espiritismo é esta: “Para os Cristãos, a pessoa que tem autoridade para revelar características próprias do sistema em que vivemos é Jesus Cristo, ou seja, os Cristãos autenticam Jesus Cristo como a autoridade em revelação. Para os Espíritas, a pessoa que tem autoridade para revelar as características próprias do sistema em que vivemos são os espíritos, ou seja, os espíritas autenticam os espíritos como autoridade em revelação”.

Daí surge todo o conflito, pois a autoridade de revelação não é a mesma, os Cristãos acreditam na revelação de Jesus Cristo e através desta enxergam o mundo,

os Espíritas acreditam na revelação dos espíritos e através desta enxergam o mundo, incluindo-se aí as palavras de Cristo. Dentro desses dois pontos, esclarecemos:

1. Os Cristãos autenticam Jesus Cristo como a autoridade em revelação, e com base nisso concordariam em reconhecer que todo aquele que cumpre este requisito é cristão? Apenas a título de hipótese, se o Espiritismo reconhecer oficialmente essa autoridade e isso for provado, seriam eles coerentes com a afirmação e reconheceria o Espiritismo como Cristão?
2. Também dizem que os espíritas autenticam os espíritos como autoridade em revelação. Quando declaram isso, entende-se que qualquer coisa que venha dos espíritos assume autoridade para o Espiritismo? Ainda dentro desse ponto, sugerem os demais cristãos que o Espiritismo coloca o ensino dos espíritos acima de Jesus?

Dentro dos pontos acima, o que nos apresenta representa uma visão do assunto, passível de erros? Será que admitem essa possibilidade? Fizemos perguntas básicas, de início. São necessárias para estabelecermos um ponto de partida em cima dos dois pontos. A partir daí, pensamos, estaremos em condições de aprofundar no assunto.

Para os defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, a Bíblia não ensina nada sobre espíritos, já que dizem que as fontes são diferentes. Há controvérsias! Esta é apenas uma visão da Bíblia. A Bíblia diz que os anjos são espíritos ministradores, chama aos demônios de espíritos impuros e a Deus classifica como Pai dos Espíritos. Aceitar este ponto de vista equivale a rejeitarem as evidências que apontam no sentido contrário.

O assunto aqui está centrado na autoridade da revelação de Jesus, e suas relações com o Espiritismo. Kardec, ao discutir a natureza de Jesus, definiu o método a ser usado no estudo sobre o tema:

*Jesus, nada tendo escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, eles não mais, nada escreveram quando vivos; não tendo nenhuma história profana contemporânea falada dele, **não existe sobre a sua vida e a sua doutrina, nenhum outro documento senão os Evangelhos; portanto, é ali somente que é necessário procurar a chave do problema.** Todos os escritos posteriores, sem disso excetuar os de São Paulo, não são, e não podem ser, senão comentários ou apreciações, reflexo de opiniões pessoais, freqüentemente contraditórias, que não poderiam, em nenhum caso, ter a autoridade do relato daqueles que receberam as instruções diretamente do Mestre. (KARDEC, A. Obras Póstumas, Estudo sobre a natureza do Cristo, grifo nosso)*

Depende de onde se concentra essa autoridade. Se ela se concentra nos evangelhos, ele não deixa de ser Espiritismo. Por que os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, entendem que ele, o Espiritismo, deixa de sê-lo? Quando dizem isso se referem às obras de Alan Kardec, que compõe o fundamento do Espiritismo. Acreditamos que é correta esta concepção. Mas como seria essa autoridade dos espíritos, no entendimento sobre o tema para os demais cristãos? Quais livros espíritas já leram muitos desses críticos? O Espiritismo aceita

tudo o que dizem os espíritos? Kardec expõe o seguinte parecer, questionando os espíritos:

268. Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos

1ª Por que sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos? "Pela linguagem, como distinguis um doidivanas de uni homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação. "Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o influxo das idéias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição que lhes são características. Somente aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las desapaixonadamente."

2ª A ciência é sempre sinal certo de elevação de um Espírito? "Não, porquanto, se ele ainda está sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e prejuízos. Há pessoas que, neste mundo, são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgais que, apenas o deixam, perdem esses defeitos? Após a partida daqui, os Espíritos, sobretudo os que alimentaram paixões bem marcadas, permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram.

"Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque, na sua maioria, reúnem à inteligência a astúcia e o orgulho. Pelo pretensão saber de que se jactam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que lhes aceitam sem exames as teorias absurdas e mentirosas. Embora tais teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, pois que entram a marcha do Espiritismo e os médiuns voluntariamente se fazem cegos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse um ponto que demanda grande estudo da parte dos espíritos esclarecidos e dos médiuns. Para distinguir o verdadeiro do falso é que cumpre se faça convergir toda a atenção."

3ª Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos, ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito? "Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, poucos há que tenham nome conhecido na Terra. Por isso é que, as mais das vezes, eles nenhum nome declinam. Vós, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais."

4ª O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude? "Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos."

5ª Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome? "Exatamente, porquanto há milhares de pessoas às quais foi dito que têm por anjo guardião São Paulo, ou qualquer outro. Mas que vos importa isso, desde que o Espírito que vos protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu já o disse: como precisais de um nome, eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguides dos outros membros da vossa família. Podem, pois, tomar igualmente os dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que daí nada de mais resulte.

"Acresce que, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Segue-se, portanto, que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem e duzentas famílias; por que haveríeis de supor que menos aptos fôssemos nós, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que aqueles o são para a direção material de seus interesses?"

6ª Por que é que os Espíritos que se comunicam tomam freqüentemente nomes de santos? "Identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens por efeito de suas crenças.

7ª Quando evocados, os Espíritos superiores vêm sempre em pessoa, ou, como alguns o supõem, se fazem representar por mandatários incumbidos de lhes transmitir os pensamentos? "Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, porém, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é forçosamente um mandatário."

8ª E o mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia? "Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se confundem pela comunhão dos pensamentos, de tal sorte que, para eles, a personalidade é coisa indiferente, como o deve ser também para vós. Julgais, então, que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conhecestes na Terra, como capazes de vos instruírem? De tal modo sois propensos a considerar-vos como os tipos do universo, que sempre supondes nada mais haver fora do vosso mundo. Em verdade vos assemelhais a esses selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, crêem que o mundo não vai além dela."

9ª Compreendemos que seja assim, quando se trate de um ensino sério; mas, como permitem os Espíritos superiores que outros, de baixo estalão, adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens em erro, por meio de máximas não raro perversas? "Não é com a permissão dos primeiros que estes o fazem. O mesmo não se dá entre vós? Os que desse modo enganam os homens serão punidos, ficai certos, e a punição deles será proporcionada à gravidade da impostura. Ao demais, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em tomo de vós senão bons Espíritos; se sois enganados, só de vós mesmos vos deveis queixar. Deus permite que assim aconteça, para experimentar a vossa perseverança e o vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis, é que não estais bastante elevados e precisais ainda das lições da experiência."

10ª Não sucede que os Espíritos pouco adiantados, porém, animados de boas intenções e do desejo de progredir, se vêem designados às vezes para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham o ensejo de se exercitarem no ensinar aos seus irmãos? "Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam o fazem por sua própria conta, para, como dizeis, se exercitarem. Por isso é que suas comunicações, ainda que boas, trazem o cunho da inferioridade deles. Delegados só o são para as comunicações pouco importantes e para as que se podem chamar pessoais."

11ª Nota-se que, às vezes, as comunicações espíritas ridículas se mostram entremeadas de excelentes máximas. Como explicar esta anomalia, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos? "Os Espíritos maus, ou levianos, também se metem a enunciar sentenças, sem lhes perceberem bem o alcance, ou a significação. Entre vós,

serão homens superiores todos os que as enunciam? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; pela uniformidade constante das boas comunicações é que reconheceréis a presença dos bons Espíritos."

12ª Os Espíritos que nos induzem em erro procedem sempre cientes do que fazem? "Não; há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem enganar-se de boa-fé. Desde que tenham consciência da sua ignorância, convém nisso e só dizem o que sabem."

13ª O Espírito que dá uma comunicação falsa sempre o faz com intenção maléfica? "Não; se é um Espírito leviano, diverte-se em mistificar, sem outro intuito."

14ª Podendo alguns Espíritos enganar pela linguagem de que usam, segue-se que também podem, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência? "Isso se dá, porém, mais dificilmente. Todavia, só se verifica com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles então servem de instrumentos para uma lição... O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob a influência deles. Podem os Espíritos levianos aproveitar-se dessa disposição, para o enganar, por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium."

15ª Para não ser enganado, basta que alguém esteja animado de boas intenções? E os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos, também se acham sujeitos a ser enganados? "Evidentemente, menos do que os outros; mas, o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros. Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Deve, pois, desconfiar sempre da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de queda, de que se aproveitam os Espíritos que, lisonjeando as manias, têm a certeza do bom êxito."

16ª Por que permite Deus que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins? "Ainda mesmo no que haja de pior, um ensinamento sempre se colhe. Toca-vos saber colhê-lo. Mister se faz que haja comunicações de todas as espécies, para que aprendais a distinguir os bons Espíritos dos maus e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos."

17ª Podem os Espíritos, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças infundadas contra certas pessoas e causar dissídios entre amigos? "Espíritos perversos e invejosos podem fazer, no terreno do mal, o que fazem os homens. Por isso é que estes devem estar em guarda. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando têm de censurar; nada de mal dizem: advertem cautelosamente. Se querem que, no interesse delas, duas pessoas deixem de ver-se, darão causa a incidentes que as separarão de modo todo natural. Uma linguagem própria a semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, pois, usai de muita circunspeção no acolher o que de mal possa um Espírito dizer de um de vós, sobretudo quando um bom Espírito vos tenha falado bem da mesma pessoa, e desconfiai também de vós mesmos e das vossas próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, guardai apenas o que haja de belo, de grande, de racional, e o que a vossa consciência aprove."

18ª Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece legítimo concluir-se que nunca estaremos certos de ter a verdade? "Não é assim, pois que tendes um juízo para as apreciar. Pela leitura de uma carta, sabeis perfeitamente reconhecer se foi um tipo sem

educação, ou um homem bem educado, um néscio ou um sábio que a escreveu; por que não podereis conseguir isso, quando são os Espíritos que vos escrevem? Ao receberdes uma carta de um amigo ausente, que é o que vos assegura que ela provém dele? A caligrafia, direis; mas, não há falsários que imitam todas as caligrafias; tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Entretanto, há sinais que não vos permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Figurai, pois, que é um amigo quem vos escreve, ou que ledes a obra de um escritor, e julgai pelos mesmos processos."

19ª Poderiam os Espíritos superiores impedir que os maus Espíritos tomassem falsos nomes? "Certamente que o podem; porém, quanto piores são os Espíritos, mais obstinados se mostram e muitas vezes resistem a todas as injunções. Também é preciso saibais que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando eles julgam conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os Espíritos enganadores nada podem."

20ª Qual o motivo de semelhante parcialidade? "Não há parcialidade, há justiça. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam; pouco, porém, se incomodam com aqueles junto dos quais perdem o tempo em belas palavras."

21ª Por que permite Deus que os Espíritos cometam sacrilégio de usar falsamente de nomes venerados? "Poderias também perguntar por que permite Deus que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem, tanto quanto para o mal; porém, nem a uns nem a outros a justiça de Deus deixará de atingir."

22ª Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores? "Fórmula é matéria; muito mais vale um bom pensamento dirigido a Deus."

23ª Dizem alguns Espíritos disporem de sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, pelos quais podem ser conhecidos e comprovarem a sua identidade; é verdade? "Os Espíritos superiores nenhum outro sinal têm para se fazerem reconhecer além da superioridade das suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantos modos, que fora preciso ser cego para deixar-se iludir."

24ª Não podem também os Espíritos enganadores contrafazer o pensamento? "Contrafazem o pensamento, como os cenógrafos contrafazem a Natureza."

25.ª Parece assim fácil sempre descobrir-se a fraude por meio de um estudo atento? "Não o duvides. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário."

26ª Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias, que mesmo tomam ideias falsas e vulgares por sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgar as dos Espíritos? "Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecer a sua incapacidade, não se fiam de si mesmas; quando por orgulho se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há

peessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e saber. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem.

27ª Na escrita, dar-se-á que os maus Espíritos algumas vezes se traiam por sinais materiais involuntários? *"Os hábeis, não; os desazados se desencaminham. Todo sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Coisa alguma inútil fazem os Espíritos elevados."*

28ª Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam? *"O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando ditoso, o Espírito é tranqüilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Em suma, dá-se o que se dá com o homem na Terra: o bom é calmo, tranqüilo; o mau está constantemente agitado."*

NOTA. Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. Aqui, como em tudo, devem ter-se em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, porquanto, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, nada ou muito pouco a proximidade deste o afetará. Todavia, é preciso se não confunda a rapidez da escrita, que deriva da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contacto dos Espíritos imperfeitos. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos)

Dessa maneira, é indubitável que não são todas as comunicações que se devem tomar como válidas. Deve-se antes passar ao crivo da razão. Nós enxergamos os ensinamentos de Jesus através dos evangelhos. Afinal, não são os evangelhos documentos válidos que atestam seus ensinamentos? A revelação dos espíritos tem caráter complementar, e não é sua proposta substituir a autoridade principal, do evangelho.

Se acaso na Bíblia ficar comprovado que um texto contradiz o outro, o método que seguimos é colocar os evangelhos acima de todo o restante da Bíblia. Na eventualidade de um discípulo que não possui "conhecimento pleno" dizer algo contrário ao que disse seu mestre, fica-se com a regra contida em Mateus. Vejamos:

Não é o discípulo mais do que o seu mestre, nem o servo mais do que o seu senhor. (Mt 10:24)

Entendemos que a responsabilidade por permanecer ou não em pecado é somente nossa. Um dos ensinamentos de Jesus foi à responsabilidade individual, bem como as penas proporcionais, destinada ao infrator. Ainda dentro deste prisma, questionam os defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si: "Sendo que o espiritismo diz que a reencarnação tem como objetivo, além da evolução moral entre outras coisas, a reparação dos atos cometidos em vidas passadas, então, existe injustiça na visão espírita? Pois, se o que acontece, referindo apenas às coisas ruins, são por merecimento, então não existe injustiça no mundo. Até as maiores atrocidades, tais como holocaustos, assassinatos, guerras, enchentes, etc, cometidas,

as vítimas as merecem! Parece, se for assim, bastante impiedoso.” Após este argumento, recorremos ao codificador e a questão 171 de "O Livro dos Espíritos":

Justiça da reencarnação

171. *Em que se funda o dogma da reencarnação? “Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: **o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento.** Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”*

*Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. **Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.***

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a Sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserdará eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito?

Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Justiça da reencarnação, grifo nosso)

Em complemento, o que diz "O Livro dos Espíritos" sobre isso:

738 b *Mas nem por isso as vítimas desses flagelos são menos vítimas? Se considerásseis a vida como ela é, e quanto é insignificante em relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. **Essas vítimas encontrarão numa***

outra existência uma grande compensação para seus sofrimentos se souberem suportá-los sem se lamentar.

** Quer a morte chegue por um flagelo ou por uma outra causa, não se pode escapar quando a hora é chegada; a única diferença é que, nos flagelos, parte um maior número ao mesmo tempo.*

Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento, descortinando toda a humanidade de modo a abrangê-la inteiramente, esses flagelos tão terríveis não pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Cap. 6, Lei de Destruição, grifo nosso)

Na queda da torre de Siloé, **também havia quem dissesse que aqueles que morreram na tragédia eram mais culpados do que os que sobreviveram.** Por isso indagou Jesus: *"Ou pensais que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, foram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?"*, ao que responde e complementa: *"Não, eu vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis."* (Lc 13:4)

De acordo com o exposto, entendemos que as calamidades acontecem, mas isso não implica que as vítimas sejam culpadas e quiçá, merecedoras da tragédia. Agora ficam algumas perguntas: Como ficaria a justiça de Deus sobre isso se não houvesse reencarnação ou novas oportunidades? Que destino teriam todas essas vítimas, por terem sua vida única abreviada por essas forças externas, totalmente alheias à sua vontade? Que solução daria Deus, na hipótese de vida única, para as vítimas que nunca ouviram falar do evangelho? Recorremos à codificação:

Flagelos destruidores

737. Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores? *"Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciáis; daí vem que os qualificais de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos."*

738. Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores? *"Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza."*

a) - Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Será justo isso? *"Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos*

dito, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto vos queixais. Representam um ensino que se vos dá e que vos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real (85). Esses os filhos de Deus e o objeto de toda a Sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

b) - *Mas, nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de o ser. “Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe darieis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.” Venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que maior número parte ao mesmo tempo.*

Se, pelo pensamento, pudéssemos elevar-nos de maneira a dominar a Humanidade e abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.

739. Têm os flagelos destruidores utilidade, do ponto de vista físico, não obstante os males que ocasionam? *“Têm. Muitas vezes mudam as condições de uma região. Mas, o bem que deles resulta só as gerações vindouras o experimentam.”*

740. Não serão os flagelos, igualmente, provas morais para o homem, por porem-no a braços com as mais aflitivas necessidades? *“Os flagelos são provas que dão ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.” (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Cap. 6, Lei de Destruição, grifo nosso).*

Como vê, a justiça da reencarnação vem de Deus e não dos espíritos, que são apenas os cumpridores de suas Leis. Na frase: *“Não te diz à razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se?”* Os espíritos apelam para a nossa razão humana sim, pois é o nosso referencial. Se a nossa razão abrange somente uma parte da verdade, a razão divina abrange o todo. Sem um ponto de partida, não há como se chegar a alguma solução.

Já na frase: *“Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.”* O que está claro é que o autor desta frase diz que há somente uma balança como medida das ações humanas. Se houvesse dois pesos e duas medidas, Deus deixaria de ser imparcial.

Como não temos a condição de conhecer a intimidade divina, lógico é que formemos ideias a partir de alguns indicadores. Dentro de uma análise das informações que a Bíblia nos traz, através de Jesus, formamos uma ideia da justiça

divina. Como poderia ser diferente? Muitos têm a suas ideias formadas quanto à justiça de Deus, que é resultado das informações que chegaram. O que não quer dizer que ninguém está absolutamente certo ou absolutamente errado.

Dentro das informações que colocamos do Livro dos Espíritos como vêm à justiça dos homens. Como? Onde está a justiça dos homens quando acontece um terremoto e morre milhares de pessoas? Se não é a justiça divina atuando, não podemos crer que seja a dos homens, tão falha.

Normalmente o que mais nos incomoda no outro é aquilo que temos em abundância em nós mesmos. A certeza absoluta das coisas só Deus a tem. Dentro de nossa razão, humana e falha se curva diante da lógica, razão e bom senso das coisas que estudamos no Espiritismo. Mas não pensem que aceitamos de primeira tudo o que os espíritos dizem, pois da mesma forma que existem embusteiros encarnados, também existem os desencarnados e os verdadeiros da mesma forma. Kardec estudou anos a fio todas as manifestações que aconteciam em sua época, primeiramente como um cético, com a intenção de desmascarar os mistificadores. Mas como homem ponderado, usou o critério que a ciência usa para experimentar e provar os fatos. Daí se convenceu e pelo uso de sua mente muito arguta nos trouxe a Doutrina Espírita já muito apurada, mas ainda a se aperfeiçoar. Ao estudar seus livros também me rendi aos seus conceitos e não me sinto enganada. Que cada crítico tentem pelo menos ler as cinco obras básicas do Espiritismo, como uma leitura qualquer e verá que não é nada enganador o que está lá.

Nós nunca negamos que *“todas as nossas justiças são como trapos de imundícia”* comparados à infinita justiça expressa na deidade, todavia importa observar que quando Jesus disse *“Sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial”* (Jo 5:48), demonstrou ser possível alcançarmos este modelo de perfeição. Justiça e perfeição são conceitos umbilicalmente ligados. Por isso não pensamos que Jesus esteve a nos pedir algo impossível de se obter, que é a perfeição da justiça divina, da qual Ele se faz modelo. É natural que ainda estamos muito longe de alcançá-la, e que uma única vida jamais seria suficiente para tal. Mas buscá-la deve ser nosso dever, pois é dela que depende a nossa felicidade ou infelicidade futura.

Na questão da razão humana, pensamos ser esta uma das dádivas que Deus nos concedeu. É claro que a razão jamais nos levará a um entendimento exato sobre Deus, mas ela é nosso ponto de referência. Como todas as coisas, ela também pode ser mal usada. Mas Kardec alertou sobre esse perigo: *“O homem que julga infalível sua razão está bem perto do erro”*. Não acreditamos que exaltamos a razão acima daquilo que ela merece. Ela é uma bênção divina e deve ser bem empregada. infalibilidade, para nós, reside única e exclusivamente em Deus.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si assim nos questionam: “A revelação não se fez de uma vez só. Foi progressiva. Por quê?” Se partirmos do pressuposto de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, e que Deus é perfeito, é perfeitamente lógico inferirmos que as “fornadas” de seres humanos não se modificaram ao longo dos séculos. Por exemplo, se supormos que antigamente Deus fazia um ser humano de um jeito e hoje de outro, isto revelaria um Deus de um jeito antes e de outro jeito hoje. Seria um Deus que evoluiu? E se

evolui, a fase anterior ainda não era perfeita? Assim sendo, se as revelações divinas foram feitas progressivamente coroando-se na revelação de Jesus, isso soa uma tremenda injustiça para com aqueles que passaram suas vidas todas com a revelação pela metade enquanto que outros com a revelação completa, mesmo que no final das contas sejam " aprovadas" no julgamento final.

Pode-se até argumentar que as revelações aguardavam os implementos culturais das civilizações, mas isso soa a atrelar ensinamentos espirituais a aquisições intelectuais. A progressividade das revelações, no entanto, casa muito bem com a pluralidade das existências. Espíritos sendo educados aos poucos. Todos passariam pelas vivências das revelações, progressivamente, e em cada retorno assimilando seus conteúdos passo a passo e sendo postos a provas para ver se assimilaram mesmo. Essa visão é muito mais justa do que alguns privilegiados terem acesso à verdade, outros a meias-verdades, e a grande maioria, a nada. Parafraseando o Pr Nehemias Marien, entendemos que *“A cada instante a providência divina estabelece o berço do seu primogênito nos lugares mais estranhos da terra”*.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si prosseguem em seus questionamentos: “Os espíritas se valem muito do que determinam ser a justiça de Deus. Desde quando o que nós achamos que é justiça de Deus realmente procede? É sabedoria carnal e longe da verdade espiritual.” E quando muitos cristãos defendem a total infalibilidade e literalidade nas suas interpretações da Bíblia, estão fazendo o que? Exatamente isso, ou seja, determinando o que é a justiça de Deus! A interpretação de uma escritura, por mais que queiram negar, e por mais "espiritual" que seja esta interpretação, é uma atividade cerebral, intelectual e humana! Ou seja, sabedoria carnal tentando achar a espiritual!

Nós espíritas, por nossa vez, partimos do princípio que as verdades são universais, inerentes ao ser humano e não exclusivismos de certas religiões. Por isso o critério de universalidade das mensagens dos espíritos adotado por Kardec na codificação. É fácil observar isto. Peguemos preceitos morais tais como a intuição da existência de um Criador, o amor ao próximo, o fazer ao próximo o que gostaríamos que fizessem a nós. São características morais exaradas por Jesus, mas que inerentes ao ser humano, mesmo nas culturas mais simples.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si nos demonstram que eles sabem o que é e o que não é, porque Jesus mesmo se revelou e disse. E isto é fé. Eles ainda não querem que pensemos que desconsideram a razão. Pelo contrário, sem entendimento, vemos tantas distorções, falta de conhecimento de contexto, etc. Só que as coisas de Deus não são compreendidas dentro da nossa razão simplesmente. Por isso dizem que Jesus é o referencial, pois nEle não há variação, nem engano, nem distorção, como pode acontecer com a sabedoria humana. É aí que dizem o perigo de basear toda uma fé em preceitos de homens. Após esta explanação do pensamento de muitos cristãos, citam as passagens abaixo para embasamento:

“Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam, e a convicção das coisas que não se vêem.” (Hb 11:1)

“Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido. Porque, quem conheceu a mente do SENHOR, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo.” (1 Co 2:11-16)

O primeiro texto não diz que nossa fé deve ser irracional. O segundo também não diz que as "coisas de Deus" sejam contrárias à razão, mas sim que existe falta de compreensão em relação às coisas espirituais. Compreensão está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o "homem natural" que não está disposto a aceitar "coisas espirituais", tampouco buscará compreendê-la, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer a sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus "cinco sentidos", mas para fazer isto é necessário usar o raciocínio, aliado ao desejo sincero de aprender e assim assimilar novos conhecimentos. E isto em nada vem a ser um obstáculo ao uso da razão, mas ao contrário, revela que ela é útil inclusive para as "coisas de Deus".

Defendemos a responsabilidade pessoal, no que se refere a permanecer ou não em pecado. Para muitos cristãos, o ponto chave é que Jesus redime, e para sustentar, demonstram Mt. 26:28, que é o único texto dos evangelhos onde fica sugerido um "sacrifício vicário". A pergunta deles é: Como conciliar a idéia de que cada um deve pagar por seus próprios pecados diante da declaração patente de Jesus que seu sangue é derramado é para remissão dos pecados de muitos? Ela pode ser formulada de outra forma. Assim, por exemplo: Como conciliar a idéia patente de que "a cada um segundo as suas obras", diante da declaração patente de Jesus que seu sangue é derramado é para remissão dos pecados de muitos?

Observem que se a ideia patente do texto Mt.26:28 é tirar de nós a responsabilidade, inelutavelmente ela irá contradizer a outra. A responsabilidade a que nos referimos está ligada ao abandono dos erros. Será que remissão de pecados, ou *aphesis tôn hamartíôn*, pode ser o mesmo que abandono dos erros? Se a palavra oriunda do latim *redimere* traz em seu bojo a ideia de libertação, resta saber se essa libertação estaria ligada ao abandono dos erros, ou se independe disso. A questão seria mais ou menos assim: se continuarmos pecando, isso terá efeito? Ou será que, para isso ter efeito, temos que fazer algo?

Seu sangue foi derramado por que o assassinaram. Isso é ponto pacífico. Segundo a Bíblia, a morte de Jesus e dos profetas não agradou a Deus. Jesus sabia que teria esse gênero de morte, e aceitou as consequências de sua missão, que tinha por fim a remissão dos pecados de muitos. Para isso, precisava deixar seus ensinamentos, precisava também nos dar exemplo de obediência a seus princípios, obediência até a morte, além de denunciar a hipocrisia dos religiosos. Tudo isso ele sabia que traria consequências, assim como sabia que essas consequências, ao invés de extinguir,

propagaria ainda mais sua mensagem e ela daria frutos. Diante disso, qual é o sentido de “resgate”? Quem cobrou esse resgate? Não pode ser Deus, pois a morte de Jesus não o agradou, mas ao contrário, provocou a sua ira sobre os criminosos. Também não pode ser o Diabo, pois isso mostraria um Deus limitado, sujeito aos caprichos e exigências de uma criatura. Pensamos que devido às consequências de sua morte, sua mensagem causaria um grande impacto na mente das pessoas, por isso ele disse que, ao ser levantado, atrairia para si a atenção de muitos. Nesse sentido, somente neste sentido, entendemos que o crime hediondo perpetrado na cruz, redundaria em benefício comparável a “resgate”. Em suma, concordamos que Jesus redime, mas para isso temos que fazer alguma coisa. Se não colocarmos seus ensinamentos em prática, essa redenção não nos alcança, e o sangue dele foi derramado em vão.

Entendemos que se Ele se dispôs a aceitar esse tipo de morte, não foi com outro objetivo senão o abandono dos erros, sem os quais é impossível a remissão dos pecados. Nós, espíritas, ao contrário do que muitos dizem, valorizamos muito seu sangue derramado, pois nosso empenho é justamente a prática de seus ensinamentos e o abandono dos erros.

Não discordamos que o sentido da palavra remissão está ligado ao pagamento de erros. O que ocorre é que, até onde sabemos, este "pagamento de erros" está sempre ligado a "abandono dos erros". Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si defendem que a remissão de pecados não é o mesmo que abandono de erros. Pode até não ser a mesma coisa, mas uma coisa está ligada à outra. Uma depende da outra. Daí porque o abandono de erros é uma consequência do relacionamento do ser humano com Deus, mas a questão a que queremos chegar é justamente esta: Existe remissão de pecados sem abandono dos erros? A resposta é clara: Não!

O Espiritismo é cristão porque segue exatamente as prescrições de Cristo sem intermediários, nem visões sectaristas. E existem cristãos que declaram abertamente o caráter eminentemente cristão do espiritismo. Por exemplo, o Pastor Nehemias Marien da Igreja Presbiteriana Bethesda, autor do livro "Transcendência e Espiritualidade", declara em uma entrevista ao Portal do Espírito que: o espiritismo é o afluente mais caudaloso do cristianismo.

Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2007
(Revisado Outubro / 2013)

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Editora PETIT, São Paulo, SP, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Editora PETIT, São Paulo, SP, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, Editora, PETIT, São Paulo, SP, 2004.
Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.